

## **RAZÃO E LOUCURA EM O LOUCO DO CATI**

**Luiz Cláudio Vieira de Oliveira**

### **RESUMO**

O texto se pretende uma análise de *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado, dentro dos limites para os quais foi escrita, isto é, servir de orientação para alunos pré-vestibulandos, e em que se analisam os elementos mais importantes da estrutura narrativa, dando-se maior destaque à temática da loucura, predominante no texto analisado.

### **NOTICIA SOBRE A OBRA**

Dyonélio Machado é um autor praticamente desconhecido do grande público, apesar do valor de duas de suas obras mais importantes: *Os Ratos* e *O Louco do Cati*. Uma das razões deste desconhecimento de sua obra é a de ser um escritor sulino, editado localmente, não tendo maior divulgação no eixo cultural Rio-Minas-São Paulo.

Embora seja quase «inédito» para o público, é um autor de méritos reconhecidos por outros autores, de grande repercussão nacional, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Érico Veríssimo. Consta, inclusive, que em lista dos melhores livros da literatura brasileira, deixada por Guimarães Rosa, está incluído o romance *O Louco do Cati*.

Se desejarmos incluir a obra de Dyonélio Machado dentro da seqüência inaugurada pelo modernismo, a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, poderemos fazê-lo dizendo que par-

ticipa do grupo que foi rotulado como o Romance de 30. Esta afirmação só procede se adotarmos o ponto de vista de Adonias Filho,<sup>1</sup> que realça o caráter documental do romance brasileiro. Esta tendência, que não limita a riqueza literária, nem atenua a interiorização psicológica, observa-se na obra de autores diversos, tanto pela sociedade que retratam, quanto pela temática desenvolvida. Assumindo este caráter documental estão as obras de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Dyonélio Machado, Lúcio Cardoso.

As décadas de 30 e 40, no Brasil, em especial o período que vai de 1937 a 1945, constituem um período marcado por profundas modificações sociais, em que se altera a fisionomia econômica, política e social do país. A partir da Revolução de 30, que levou ao poder Getúlio Vargas, como ditador, passando pela Revolução Constitucionalista de 32, e pelo Estado Novo, que durou de 37 a 45, implantou-se no Brasil, com o apoio do exército, uma ditadura de caráter populista, com tendências para a direita, e que se caracterizou pelo caráter duramente repressivo às oposições. É neste contexto que surge o romance de 30, cujas obras mais representativas incluem **Subterrâneos da Liberdade**, de Jorge Amado, o conjunto ficcional de Graciliano Ramos e de José Lins do Rego. Apesar do caráter memorialista e de ser publicado em época posterior, é significativo lembrar **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos. Dentro deste quadro histórico podemos, portanto, situar o romance **O Louco do Cati** que, apesar de escrito há quatro décadas, guarda uma grande atualidade.

Obras do autor: **Política Contemporânea** (ensaio); **Um pobre homem** (contos); **Uma Definição Biológica do Crime** (tese inaugural); **Os Ratos** (romance); **O Louco do Cati** (romance); **Desolação** (romance); **Eletroencefalografia** (estudo); **Passos Perdidos** (romance); **Deuses Econômicos** (romance); **Prodígios** (romance); **Endiabrados** (romance).

## ESTRUTURA NARRATIVA

### TEMPO

Há a obediência ao tempo cronológico a partir da frase inicial do romance. A partir daí, as indicações temporais são bem marcadas, como se pode observar no início do capítulo «Aquele dia findou»: «8 horas da noite.» (p. 20) Ou então: «— Os senhores têm horas?» (p. 41) A narrativa não dá saltos, ou seja, a seqüência temporal, o tempo do relógio é obedecido, como se vê pelas citações anteriores.

A ruptura temporal se dá quando das evocações do Louco do Cati, que se desliga do presente, em que se coloca, para voltar ao passado. Este passado é indefinido: é uma época distante, indistinta, apresentada de modo vago e impreciso. Vejamos:

- «Aquele banco duro evocava-lhe um quadro antigo, o seu tanto apagado:» (p. 15)
- «A chegada deles uma noite à casa daquele velho parente,» (p. 21)
- «Era pequeno. Uma tarde. Caía o sol.» (p. 24)
- «Uma vez, o pai ainda vivia.» (p. 28)
- «Outra vez, era de manhã.» (p. 29)

Mesmo quando Norberto explica o que é o Cati, permanece a imprecisão: «Era um fim de século — século dezenove.» (p. 25) Esta fala de Norberto que assim se inicia é chamada de História. Isto ressalta ainda mais a ruptura cronológica, a imprecisão temporal, pois se sabe que a História, como ciência, procura encadear os fatos no tempo, obediente à cronologia, o mais precisamente possível. Há, inclusive, uma conotação metalingüística: a estória (o romance) se interrompe para que seja enxertado um trecho da História.

O texto apresenta, portanto, dois tipos de tempo: o tempo cronológico das ações da personagem e o tempo psicológico das evocações do Louco. Estes dois são dados ficcionais e funcionam apenas dentro da narrativa. O primeiro deles coincide com o tempo histórico, pertencendo tanto aos personagens quanto aos leitores: é a época, histórica, do Estado Novo brasileiro, possivelmente entre os anos de 1936 a 1939. O tempo das evocações e o tempo histórico, ambos remetendo a uma mesma realidade de opressão e repressão política, fazem com que o romance adquira caráter atual, uma vez que esta realidade não pertence a uma época fixa do passado, mas se repete em nossos dias, nesses últimos vinte anos.

## ESPAÇO

**Espaço Geográfico** — A ação tem início nos arredores de Porto Alegre. A partir daí podemos seguir pelo mapa o trajeto de Norberto e do Louco. Todas as localidades citadas realmente existem: Porto Alegre, Viamão, Palmares, Quintão (Balneário Quintão), Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa, Torres, Araranguá (SC), Crisciúma, Urussanga, Orleães, Palhoça, Florianópolis, Santos, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Florianópolis, Lajes, Vacaria, Antônio Prado, Caxias, Linha Bonita, São João do Montenegro, Santa Maria, Cacequi, Rosário, Livramento, Quaraí, Cati.

Há uma nítida preocupação do autor em indicar todo o percurso feito pelo Louco. Ele parte de Porto Alegre, vai à costa, chega a Florianópolis, ao Rio, volta a Florianópolis, chega perto de Porto Alegre, desvia-se, chega à região do Cati. É este percurso que chamamos de travessia, constituindo, juntamente com a loucura e a repressão política, os eixos temáticos do romance. Mas este percurso só nos interessa na medida em que o espaço físico, geográfico, passa a simbólico.

**Espaço Simbólico** — Vimos, anteriormente, a mistura e a conseqüente oscilação dos elementos temporais. O passado é, ao mesmo tempo, presente e futuro. Estes elementos temporais fundem-se no término do livro. Da mesma forma, também no

final, o espaço físico muda-se em simbólico, concretizando a travessia que a personagem faz para a liberdade, para a libertação de si próprio. Todo o seu percurso se faz sob o signo da fuga e da repressão. Desde criança, o Cati se apresenta para a personagem como o espaço proibido, do qual não se pode sequer falar. A quebra da interdição se faz gradativamente (o Cati é constantemente nomeado), até que a personagem rompe também o espaço físico, enfrentando e vencendo o Cati. O Cati não é apenas uma região, um determinado lugar: é um estado de opressão: é o Cati dos finais do século XIX e é também o Estado Novo. É ainda o período de vinte anos de que estamos emergindo. Espaço e tempo rompem suas barreiras e extrapolam para outros lugares e outras épocas. O Cati é aquilo que tem o dom da ubiqüidade, ou seja, está ao mesmo tempo em toda a parte. A demarcação dos passos do Louco é inversamente proporcional à ruptura que se consegue: tanto mais precisa a geografia, quanto mais indeterminada a súbita sua libertação. O fim da travessia é, também, a cessação da loucura e da opressão. O Cati deixa de ser o lugar onde se oprime para ser o marco da libertação.

Cumpre fazer referência à preocupação de Leandro, o poeta companheiro de prisão, em registrar com minúcia a hora, a data e o local em que havia concluído seu poema. Tal exatidão, semelhante à que demarca o percurso do Louco, é vã e, até mesmo, humorística. Diz o narrador: «Depois de haver assim mais ou menos situado no tempo e espaço a sua produção, passou a recitá-la.» (p. 105)

## **NARRADOR**

De um modo geral, há apenas um narrador no romance. Ele não aparece, não é nomeado, não temos idéia de como soube da estória que ora nos conta. A narrativa se classifica como de terceira pessoa e o narrador, como onisciente. Há, entretanto, outros narradores, que funcionam mais discretamente, cuja função é informar o leitor sobre dados que escapam à narrativa

cronológica. Um destes narradores é o próprio Louco, que com suas evocações nos remete a uma situação passada, entrevista ou vivenciada por ele, e que se reduplica no presente da narrativa. Outro narrador é Norberto, quando conta a «História» (entre aspas) do Cati, que não é mais que uma lenda. São também narradores Geraldo, o motorista de caminhão, e Dr. Valério, que acrescentam dados sobre o Cati. Outro tipo de narrador é Leandro, o poeta a que nos referimos, que com seu soneto sintetiza a situação vivida pelas personagens. Leandro é uma figura caricatural, preocupada com detalhes menores e com a quantidade de versos produzidos.

## PERSONAGENS

**Norberto** — Quem é Norberto? Um líder, um político, um farsante, um revolucionário, um aproveitador, uma vítima? Talvez seja tudo isto, como outros mistérios do livro, também este fica sem solução. Sabe-se que Norberto é procurado pela polícia, que o cerca e o prende; sabe-se que ele tem pressa e que quer chegar a algum lugar. No entanto, deixa-se ficar, indefinidamente, no Rio de Janeiro. Por sua confiança ao motorista e aos soldados da escolta, parece ser um revolucionário. Ele tem o dom da palavra e, através dela, lidera os demais. Ele explica, sugere, pergunta, discute, confabula, conta, relata, narra. «E Norberto contou-lhes esta História:» (p. 25) «Era o relato de Norberto, o seu depoimento. Mas era sobretudo uma narração de viagem.» (p. 71) «Então Norberto fez o seu relato. Relato número dois. Era uma longa narrativa. A narrativa de sua estadia no estrangeiro, no rio da Prata.» (p. 75)

**LOUCO.** Quem é, por sua vez, o Louco do Cati? Homem, cão, lobisomem, louco? Um louco com extraordinário bom senso, como mostra sua observação? «Decerto é um apelido.» (p. 15) A marca que o distingue é o chapéu. Do princípio ao fim do romance a personagem está ligada a chapéu: seja aquele inicial, fendido; seja o boné de pala verde; seja o chapéu de Norberto. O chapéu simboliza o pensamento e, mudar de chapéu significa mudar de pensamento. O Louco tem o chapéu de Norberto e,

quando de seu regresso, até o nome da outra personagem. «— É melhor diante do pessoal de bordo, tratá-lo por «Norberto.» (p. 160)

Ao falarmos, acima, das personagens, deixamos uma interrogação a respeito delas. Norberto e o Louco são o duplo um do outro, ou o reflexo invertido. Eles se opõem e se completam: razão e loucura, fala e silêncio passado e presente, fuga e retorno, interioridade e exterioridade, consciência e inconsciência. É sintomático que, desde o primeiro encontro de ambos, haja uma complementação: o cigarro e o fósforo. Norberto gosta de usar frases feitas, palavras de efeito e sempre lidera com a palavra; o Louco vive em silêncio, sempre se repete e causa estranheza. Passa a usar o chapéu de Norberto e, por fim, é Norberto. Quando, levado pelo médico de bordo, visita o outro louco, fazedor de chapéus, passa a mão na forma, lisa e sem fendas. O chapéu simboliza a integração, a identidade, a unidade do ser. Observe-se que seja um louco, percebido como um ser desintegrado e sem identidade, o responsável pela confecção de chapéus.

Qual a fronteira entre razão e loucura? «Quando o normativo e consciente aparece como enfermo ou perverso, para se obter o benévolo e saudável, dever-se-á utilizar o perigoso, inconsciente e anormal.»<sup>2</sup> Esta citação remete a um verso do soneto de Leandro: «— O Inferno, assim criado, entronizava o Insano.» (p. 105) Dentro da situação de exceção descrita no livro, em que a razão, a lei e a ordem surgem como irracionais, como é o caso do Cati e do Estado Novo, a loucura passa a ocupar o lugar da razão. São significativas as seguintes palavras:

«Por volta da madrugada uma idéia me surpreendeu: imaginei-me louco. Chegar-me-iam realmente aos ouvidos os sons estranhos? Seriam verdadeiros os rostos brancos, em desalento, vermelhos, nas convulsões da tosse, os vultos esmorecidos pelos cantos, cabeças erguendo-se à toa, desgovernadas, bocas escancarando-se no horror da sufocação? (...) ... convenci-me de que estava doido. (...) As cordiais relações com dementes agora me pareciam significativas: era possível que houvesse entre nós alguma semelhança. Um doido lúcido.»<sup>3</sup>

Este trecho foi retirado de **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos, que nesta autobiografia retrata o mesmo período histórico de **O Louco do Cati**.

Paradoxalmente, é a loucura que confere sentido ao texto. Do aparente não-senso do discurso do Louco é que surge o sentido do romance. É da sua travessia, do seu percurso feito ao caso, dos seus gritos sobre o Cati, de suas evocações esparsas que emerge o sentido, o fio que une todas as referências vagas e imprecisas, que nos configura a repressão política da época do Cati, do Estado Novo, de nossa época.

O cão é símbolo da fidelidade mas, também, o acompanhante do morto em sua última viagem. Voltamos à idéia de travessia, de percurso. É exatamente o que faz o Louco: acompanha a decadência da repressão até as ruínas do Cati. Acompanha o morto, que pode ser a Lei, o Regime, a razão oficial. O Louco é o princípio da subversão, da mudança. «É que o outro ainda é considerado mais perigoso.» (p. 83)

## CONCLUSÃO

O que é o Cati? Segundo a narrativa de Norberto, é uma legenda. E o que é legenda? É uma produção lingüística que unifica e concretiza sob algumas fórmulas a diversidade e a multiplicidade do ser e dos acontecimentos. A finalidade da legenda é nos fornecer um exemplo que possa ser imitado ou repudiado. A legenda nos dá, além disso, uma medida do Bem e do Mal.<sup>4</sup> No romance a medida do Mal é o Cati, que funciona como um reflexo e um resíduo do Mal que ali se praticou. É um lugar maldito porque ali se fizeram maldades. Além da legenda, há no romance a referência aos contos de fadas. A mensagem destes, como a da legenda, é positiva. Isto é, mostra-nos a vitória sobre o inimigo ou o exemplo que não deve ser seguido. São as referências, no romance, à vitória do gauchinho sobre o demônio, jogando no ar os alfinetes encantados, que se transformam em espinheiro (p. 28), e à descoberta do lobisomem pela esposa, graças aos fios de tecido presos nos dentes do marido (p. 250)



Este caráter positivo, otimista, surge no final da narrativa, quando o Louco investe contra as ruínas do Cati, e recupera seu estatuto de homem. Deixa de ser o cão, fiel, medroso, silencioso, sem vontade própria, para ser novamente um homem capaz de pensar por si mesmo, de sacudir o pó das ruínas da opressão. Ao final da travessia, a loucura deixa de ser o lugar marginal de silêncio a que a relegou a sociedade e passa a ser o símbolo de subversão, de mudança desta mesma sociedade. É a loucura em luta contra a razão oficial, promotora da repressão e responsável pela transformação do homem em animal.

### BIBLIOGRAFIA

1. FILHO, Adonias. **O romance brasileiro de 30**. Rio de Janeiro, Bloch, 1969, *passim*.
2. CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de símbolos**. Barcelona, Labor, 1969, p. 293
3. RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere**. 14 ed. Rio, Record, 1981, v. 1, p. 132
4. JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo, Cultrix, 1976, *passim*.
5. MACHADO, Dyonélio. **O Louco do Cati**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1981